

COSTA, Ricardo da (coord.). *Mirabilia 11*
Tempo e Eternidade na Idade Média
Tiempo y Eternidad en la Edad Media – Time and Eternity in the Middle Ages
Jun-Dez 2010/ISSN 1676-5818



Uranos, Cronos e Zeus: a mitologia grega e suas distintas percepções do tempo

Uranus, Cronus and Zeus: Greek mythology and its different conceptions about time

Ana Teresa M. GONÇALVES*

Ivan VIEIRA Neto**

Resumo: A realidade do tempo é uma noção abstrata e intuitiva. A temporalidade pode ser experienciada e compreendida, mas não sentida. E mesmo a experiência do tempo se torna ambígua, se pensarmos no tempo natural (eterno e imutável) e no tempo humano (mutável e finito) como duas instâncias distintas de uma realidade comum. Consoante tal percepção, o tempo é simultaneamente, como define Mircea Eliade, “sagrado” e “profano”: eterno e recuperável, histórico e irreduzível. É neste sentido que pretendemos analisar brevemente as figuras de Úranos, Cronos e Zeus como representantes simbólicos dessas duas diferentes concepções do tempo no antigo imaginário helênico.

Palavras-chave: Tempo, História, sagrado e profano.

Abstract: Reality of Time is an abstract and intuitive concept. Temporality can be experienced and understood, but cannot be felt. Even the experience of Time becomes ambiguous if we think in natural time (as eternal and unchanging) and human time (as changeable and finite) as two distinct instances of a common reality. Depending on this perception, Time is simultaneously, as defined by Mircea Eliade, “sacred” and “profane”: eternal and recoverable, historical and irreducible. In this article, we intend to examine briefly the figures of Uranus, Cronus and Zeus as symbolic representatives of these two different conceptions of Time in the ancient Hellenic imagination.

Keywords: Time – History – Sacred and Profane.

* Professora Adjunta de História Antiga e Medieval da UFG. Doutora em História Econômica pela USP. Bolsista Produtividade do CNPq. *E-mail:* anteresa@terra.com.br

** Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Bolsista CAPES. *E-mail:* vieira.ivanneto@gmail.com

I. Introdução

As experiências humanas são fenômenos complexos e mutáveis, inseridos em contextos diversos e alienados, cujas explicações prescindem de muitos conceitos específicos para que se tornem inteligíveis. Desde os seus primórdios, o homem busca compreender a realidade na qual está inserido e o mundo no qual transcorre a sua vida. Esta compreensão depende fundamentalmente dos conceitos *espaço* e *tempo*, entendidos como as primeiras instâncias às quais recorre a percepção humana do *existir*.

Como representa uma realidade objetiva e limitada, o espaço é mais facilmente definível, visto que comporta a noção dos limites materiais da paisagem na qual o homem está circunscrito. Portanto, o tempo pode ser percebido, mas não pode ser definido com a mesma facilidade, uma vez que temos dele uma noção abstrata e pretensamente ilimitada. A humanidade não conhece o tempo a partir dos sentidos, mas pode perceber que ele decorre, e por isso consegue compreendê-lo como a segunda dimensão da realidade vivida. É por isto que, comumente, sempre guardamos do tempo uma noção preliminar e intuitiva.

Essa noção que temos do tempo está intimamente relacionada à percepção que temos dele, pelo que o conceito está ligado ao seu decurso. O tempo pode ser diferentemente percebido em relação à natureza e ao homem, uma vez que os elementos da natureza têm a capacidade de “desaparecer” e “retornar” *de tempos em tempos*, como nos ciclos das estações, e o tempo humano se restringe ao período de vida de um indivíduo, que se inicia no nascimento e acaba com a morte, que não retorna jamais ao mundo (ao menos no que tange à percepção pura, independente do desenvolvimento da ideia de metempsicose).

Por isso não é de espantar que existam concepções distintivas de tempo: por um lado o tempo natural e eterno, por outro o tempo humano e finito. A primeira noção mais ampla de tempo, largamente aceita na Antiguidade, é a do tempo como “ordem mensurável do movimento”: os antigos concebiam como indicadores do tempo os períodos planetários e a alternância das estações, os movimentos cósmicos que, a partir de sua constância, reproduziam na natureza a “imutabilidade do ser eterno” (ABBAGNANO, 2000: 945).

Neste artigo discorreremos sobre as representações do tempo na mitologia grega. Percebemos nas imagens de Uranos, Cronos e Zeus características que se relacionam a estas formas distintas de temporalidade. Junito de Souza

Brandão indica-nos, com base nos mitos teogônicos, que se distinguem três fases da evolução criadora: *cosmogenia*, *esquizogenia* e *autogenia*, cada uma correspondendo respectivamente ao período de domínio dos deuses Uranos, Cronos e Zeus (BRANDÃO, 1996: 192). Desenvolveremos as análises do simbolismo temporal das três divindades, demonstrando que para os antigos helênicos a temporalidade se manifestara diferentemente durante os períodos em que reinaram cada um dos três deuses, ampliando a distinção prévia entre tempo natural e tempo humano em categorias que definiremos como “tempo mítico”, “tempo beatífico” e “tempo histórico”.

II. As percepções humanas a respeito do tempo

A observação da natureza se configura como a primeira percepção que o homem tem da passagem do tempo. Os ciclos das estações e da vegetação atestam à humanidade a existência de uma vontade superior, divina, que assegura ao mundo sua constante regeneração. Ao entender esta vontade, a humanidade desenvolveu o seu pensamento religioso, identificando-se com seus deuses à partir das sensações experimentadas.

Foi assim que surgiram as primeiras representações da divindade, durante o Paleolítico, relacionadas à figura emblemática de um animal ao mesmo tempo caçado e venerado por suas capacidades de oferecer aos homens a sua própria vida e retornar da morte para a natureza (não desaparecer). Este animal é, geralmente, um urso, deus totêmico que podia morrer e despertar novamente, através da hibernação (LEEMING, 2004: 15-16). A concepção religiosa se sofisticou durante o período Neolítico, quando surgem as figuras de divindades femininas relacionadas à fertilidade da terra e da vegetação.

Pelas claras analogias entre o corpo feminino e sua capacidade de geração e os ciclos lunares e a vegetação, logo se desenvolveu o culto à Terra como deusa-mãe (LEEMING, 2004: 23). E por certa “isonomia” de opostos, as populações do Neolítico também elegeram uma divindade masculina para o seu panteão. O deus, associado ao Céu, ao Quarto Crescente Lunar ou ao touro que ara a terra, representava exatamente a potência masculina que fecunda o elemento feminino com a sua semente, o consorte da deusa e sua contraparte indispensável no processo de criação. Algumas vezes este deus aparece como jovem e vigoroso, denotando sua característica de fecundador da deusa, outras vezes é representado como um velho triste e estéril, pelo que parece representar o fim do ano ou da vida. A divindade masculina, portanto, está dissociada da eternidade do tempo e parece comungar com o homem e demais seres vivos do tempo que transcorre periodicamente, relacionada à mitologia do sacrifício e da regeneração.

Denominados “deuses anuais”, estes deuses representam a passagem do ano (LEEMING, 2004: 28). Suas figuras representam, portanto, o calendário agrícola, demonstrando que, a esta altura, a humanidade não só havia compreendido os “períodos da natureza”, mas que também havia adquirido o conhecimento para “manipulá-los”.

Em um segundo momento, era preciso compreender outro mistério, muito menos sondável que as transformações pelas quais passava a natureza: a própria mortalidade. Percebendo que a morte da vegetação é anual, passageira, a humanidade se viu confrontada pela sua realidade distinta: o homem morre, mas não retorna. O seu corpo desaparece. Quando refletiu sobre a morte, o homem se encontrou defronte um problema fundamental: o seu tempo não era aquele mesmo tempo natural, era um tempo outro, curto e finito diante da grandiosidade do tempo natural e renovável. Enquanto o tempo da natureza transcorria em círculos, o tempo humano parecia muito distinto, progredindo em uma reta linear. Mais misterioso que a natureza, o tempo se apresentava insuperável.

Para inserir-se no tempo eterno da natureza, a humanidade desenvolveu a sua crença da sobrevivência no além: a alma humana garantia ao homem uma dupla participação no tempo. A vida humana transcorreria, primeiramente, integrada à realidade física e participando do *tempo histórico*, e o fim da vida biológica constituía apenas uma mudança de perspectiva, uma vez que após a morte a alma continuaria vivendo, agora participando do tempo imutável e eterno da natureza.

III. Uranos: o “tempo mítico”

Segundo a *Teogonia* de Hesíodo e a *Biblioteca* de Apolodoro, após emergir do Caos, Gaia (a Terra) gerou espontaneamente Uranos (o Céu), as Montanhas e Pontos (o Mar). Quando se uniram, Gaia e Uranos geraram os Titãs, os Ciclopes e os Hecatonquiros. Temerário pelo aspecto violento da sua prole, Uranos encerrava os filhos nas entranhas da Terra tão logo eles nasciam, num lugar “distante da Terra como a Terra do Céu” (APOLODORO, *Biblioteca*. L. I, 1.3), chamado Tártaro, e a sua descendência não mais podia vir à luz. Oprimida pelo peso dos filhos presos em seu seio e sufocada por Uranos que, tão grande quanto a Terra, a envolvia em toda sua extensão, Gaia planejou um atentado contra o deus-Céu (HESÍODO, *Teogonia*: L. II, 4).

Então Gaia, afligida (...), convence os Titãs que ataquem o pai e fornece a Cronos uma foice de aço. Eles todos, exceto Oceano, o atacaram; Cronos cortou os testículos do pai e os jogou no mar (...). E depois de destronarem Uranos, {os Titãs} fizeram voltar do Tártaro os seus irmãos {os Ciclopes e

Hecatonquiros} e entregaram o governo a Cronos (APOLODORO, *Biblioteca*.
L. I, 1.4).

É preciso volver à Grécia pré-helênica para entendermos o simbolismo de Uranos. Correspondentes às divindades neolíticas sobre as quais comentamos há pouco, existiram também entre as populações de Creta e das Cíclades (chamadas *egenas*, por se situarem nas ilhas e às margens do mar Egeu) uma deusa-mãe, associada à Terra, e um deus-touro, associado ao arado e à Lua. As sociedades *egenas* que habitaram as ilhas gregas antes das invasões indo-européias se caracterizavam pelo sedentarismo e pelo desenvolvimento da agricultura e da criação de animais. Portanto, suas divindades estavam relacionadas à fertilidade da vegetação e à fecundidade animal e humana, fundamentais para assegurar a subsistência e a continuidade do contingente populacional.

A deusa Egena assume um caráter universal: ela rege o curso dos astros no céu, preside às mudanças das estações, produz toda a sorte de vegetais e protege a reprodução dos animais. Ela também comanda o mundo infernal: “senhora da vida, também é a soberana da morte” (GUIRAND, 1935: 75). É a Grande Deusa, a deusa-mãe oriental. Acompanhando-a está o deus-touro, divindade celeste cujo epíteto era *Astérios* (a Estrela), considerado o “fecundador da Terra” (GUIRAND, 1935: 76-77). Como “deus anual”, correspondia, pelas fases da Lua, às estações de plantio e colheita do calendário agrícola.

Nesse sentido, Gaia e Uranos correspondem, na mitologia grega dos períodos arcaico e clássico, exatamente a essas duas divindades pré-helênicas da vida e da morte. Emergindo do Caos, Gaia surge *ex nihilo* como a primeira manifestação da ordem cósmica. Concebe Uranos por geração espontânea, o Céu no qual habitam os deuses, aquele que é ao mesmo tempo seu filho e seu consorte. Os dois realizam a primeira *hierogramia*, isto é, união sagrada entre os princípios masculino e feminino (BRANDÃO, 1996: 185).

Após a união, Uranos constantemente visita Gaia na intimidade, fecundando-a, mas não permite que os filhos gerados dessas cópulas saiam à luz. Durante este tempo, o Céu e a Terra misturam-se, o que põe em risco a ordem e ameaça que as coisas voltem às indistinções do Caos. Esta é a fase da *cosmogonia*: o momento da excitação descontrolada das forças criadoras representadas por Uranos. Como primeira divindade do cosmo ordenado, Gaia precisa interferir, implorando aos Titãs para que um deles castre Uranos, interrompendo as gerações sucessivas e desenfreadas e separando novamente o Céu e a Terra.

A mitologia grega nos dá a perceber este período como um *tempo mítico*, momento em que as potências celestes e telúricas se unem pela primeira vez e engendram as primeiras criaturas viventes. É um tempo anterior ao tempo, o período da cosmogonia, justamente o momento em que uma realidade passou a existir (ELIADE, 2001: 11).

Uranos e Gaia contrastam como princípio ativo e princípio passivo da criação. Fêmea, Gaia é a Terra que está sempre disposta a ser “penetrada pela charrua e pelo arado, fecundada pela chuva ou pelo sangue, que são o *spérma*, a semente do Céu”. Por sua vez, Uranos é o macho sempre disposto a fecundar (BRANDÃO, 1996: 185 e 192). Ou seja, a *hierogamia* de Uranos e Gaia dá início à criação de maneira desordenada, situação que é agravada pela presença constante do Céu sobre a Terra e pelo cárcere da sua descendência no Tártaro. Ao mesmo tempo em que a fertilidade de Uranos inicia as gerações, também é percebida como uma potência destrutiva que precisa ser controlada, interrompida. Esta é a função de Cronos, agente da vontade de Gaia e carrasco de Uranos. Ao castrar o pai, Cronos separa Céu e Terra, dissipa a ameaça de retorno ao Caos inicial (BRANDÃO, 1996: 199).

A incontidência da potência criadora de Uranos é punida pelos cuidados de Gaia com o *cosmo ordenado*. A castração empreendida por Cronos e a sua deposição são os castigos infligidos ao deus. Impotente, Uranos afasta-se do mundo engendrado, convertendo-se no *deus otiosus*. Geralmente, esta divindade procedeu à criação do mundo, mas por algum motivo ausentou-se dele, algumas vezes sem sequer concluir a criação. E a partir de então uma segunda divindade, que é seu filho ou um representante equivalente, é quem se incumbem desta tarefa (ELIADE, 2001: 87). E Cronos é, simultaneamente, o depositar e o filho caçula que substituirá Uranos. Esta sucessão põe fim ao que aqui denominamos *tempo mítico*, o momento primordial das origens. A soberania de Cronos inaugura o tempo (VERNANT, 2000: 23).

Durante o período de indiferenciação entre Céu e Terra coisa alguma sucedia, o tempo se encontrava paralisado. Depois de castrado, Uranos afastou-se de Gaia. Fixado na distância, o Céu tornou-se por excelência a morada dos deuses imortais, assim como a Terra sólida é a morada da humanidade mortal. Acima do Céu está a luminosidade perene do Éther, abaixo da Terra encontra-se a escuridão absoluta do Érebo. E desde que ambos se separaram, no espaço entre eles alternam-se Nýx e Hémera, a Noite e o Dia. Estas divindades simbolizam com bastante propriedade o Tempo, que transcorre livremente desde que Cronos interferiu nos desmandos de Uranos e o afastou de Gaia (BRANDÃO, 1996: 198).

Ao ousar amputar os genitais paternos, Cronos inaugurou o Tempo, “desbloqueou o universo, criou o espaço, engendrou um mundo diferenciado, organizado” (VERNANT, 2000: 28). Durante o período em que o mundo estava sob o domínio de Cronos, os Titãs, seus irmãos e irmãs filhos do Céu e da Terra, que eram os primeiros dentre os deuses, habitaram o Céu luminoso acima do monte Ótris e, imitando a primeira hierogamia de Uranos e Gaia, geraram uma prole numerosa, divindades que presidiam a todas as coisas. Mas por sua vez, Cronos também procedeu a empresas impiedosas em seu governo, enviando de volta ao Tártaro os Ciclopes e Hecatonquiros e devorando os próprios filhos ao nascimento, para evitar que algum deles lhe usurpasse o poder.

No entanto, {Cronos} os amarrou e os encerrou novamente no Tártaro {os Ciclopes e Hecatonquiros}, e se casou com sua irmã Rhéa. Como Gaia e Uranos haviam vaticinado que seria deposto por um de seus filhos, devorava a sua prole ao nascer. Engoliu primeiro Héstitia, a primogênita, logo Deméter e Hera, e após elas Aidoneu e Posêidon (APOLODORO, *Biblioteca*. L. I, 1.5).

IV. A interferência feminina

Embora Cronos seja uma divindade muito distinta de Uranos, Rhéa é meramente uma hipóstase de Gaia. Ambas são antigas deusas-mães cretenses relacionadas à Terra: Gaia é a própria *terra*, mas Rhéa é uma sua representante antropomórfica e individualizada. Segundo os mitógrafos, as duas são oprimidas pelos ditames dos consortes e assumem a responsabilidade pelo plano vingativo que decorrerá no seu destronamento e na sua substituição pelos filhos mais novos. Esta semelhança não é somente coincidência, constitui, isto sim, um ponto de importância fundamental para a narrativa mítica.

Temos nas figuras de Gaia e Rhéa uma clara referência à religião cretense pré-helênica: ambas representam a antiga divindade feminina, a deusa mãe-terra. Como divindades universais do mundo ordenado, as deusas procuram estabelecer (ou restabelecer) o tempo cósmico natural e eterno, sobre o qual já discorreremos anteriormente. Uranos e Cronos, por sua vez, representam os “deuses anuais”, que precisam morrer ou serem sacrificados a fim de assegurar a continuidade da existência. É o pressuposto sacrifício do “mais velho” e infértil pelo “mais novo” e fecundo.

Os deuses Cronos (que depõe Uranos) e Zeus (que destrona Cronos) correspondem, nesse sentido, aos filhos-consortes das deusas Gaia e Rhéa. São verdadeiros usurpadores que, após tirarem do poder os seus pais (soberanos cuja fertilidade não é mais benéfica), substituem-nos em sua

função de “fecundadores da *terra*”. Esta é, sem dúvidas, uma característica específica de antiquíssimos rituais de fertilidade das religiosidades egenas que sobreviveram na mitologia grega (BRANDÃO, 1996: 333).

O mito do nascimento de Zeus está associado às antigas práticas mítico-rituais cretenses, muito embora este deus tenha uma origem claramente indo-européia. Apesar da sua importante proeminência no panteão helênico, o “pai dos deuses e dos homens” prescinde da ajuda das antigas divindades femininas para sobreviver à impiedade paterna e também para conquistar o trono, que lhe pertence pela linearidade patriarcal e por sua ultimogenitura. Primeiro Rhéa o salvou, substituindo o filho recém-nascido pela pedra que envolveu em seus cueiros, que Cronos engoliu sem perceber a troca. Depois Gaia o escondeu em uma caverna, sob os cuidados das ninfas Adastréa e Ida, que o alimentaram com o leite da cabra Almatéia, com a vigilância constante e a proteção dos guerreiros Curetes, que brandiam suas armas quando a criança chorava para que Cronos não pudesse escutá-la. Mas quem assegura a sua vitória sobre Cronos é Métis, divindade astuciosa que mais tarde se converte em um atributo do próprio Zeus:

Quando Zeus se tornou adulto, pediu ajuda a Métis, filha de Oceano, que com uma beberagem obrigou Cronos a vomitar primeiro a pedra e depois os filhos que havia devorado; Zeus, auxiliado por eles, guerreou contra Cronos e os Titãs (APOLODORO, *Biblioteca*. L. I, 2.1).

A psicologia humana explica os mitos e a relação de conflito entre o indivíduo e a figura paterna, dinâmica dos conflitos das primeiras gerações dos deuses gregos em sua disputa pela primazia do cosmo. Os problemas do psiquismo humano começam, assim, por causa da permanência contínua junto ao seio materno. Desenvolve-se, portanto, um conflito, cada vez que a “unidade dual” constituída pela mãe e pela criança é ameaçada (CAMPBELL, 1995: 17-18).

Transferindo esta explicação psicológica para o mito, podemos chegar a conclusões bastante interessantes. O primeiro exemplo é Cronos, que sofria juntamente com a mãe o suplício imposto por seu pai, e pode ser identificado com a criança que percebe o pai como agente externo perturbador da estabilidade da sua relação com a mãe. Justamente por isto este Titã desenvolveu seu ódio pela figura paterna e aceitou de Gaia a incumbência de castrar Uranos. O segundo exemplo é Zeus, o deus olímpico que, por causa do hábito paterno de devorar os próprios filhos, cresceu longe dos cuidados maternos, na ilha de Creta. Podemos identificá-lo com a criança que, culpando o pai pela ausência da mãe, o elegeu como seu inimigo. Ao atingir a maturidade, Zeus volta-se contra o pai e o obriga a regurgitar os irmãos mais

velhos para com eles, em seguida, combatere a geração anterior e disputar o governo do mundo.

Tanto no que tange às práticas ritualísticas que historicamente precederam os mitos de Uranos, Cronos e Zeus quanto no que diz respeito à psicologia arquetípica do mito proposta por Joseph Campbell, estamos certos de que o conflito entre os deuses mais jovens e seus antecessores tirânicos só existiu com base na relação entre as divindades femininas e seus filhos-consortes. Gaia e Rhéa aparecem como preceptoras de Cronos e Zeus, protegendo os filhos para assegurar que os jovens cresçam e cumpram os seus interesses. E o interesse da *deusa* é, como já explicamos, garantir a continuidade do tempo.

Assim, as figuras masculinas de Uranos e Cronos assinalam uma característica bastante peculiar: num primeiro momento parecem adequadas à proposta de fecundação das deusas-terras férteis, no intuito de engendrarem os mais diversos elementos que constituem o mundo ordenado, mas posteriormente se transformam em entidades compulsivas. Uranos continua fecundando a Terra ininterruptamente, enquanto Cronos interrompe radicalmente o curso das gerações quando recebe de seus pais o vaticínio de que um de seus filhos, mais forte que ele, lhe tomará o poder. Nesse sentido, parece-nos que as figuras femininas de Gaia e Rhéa emergem como guardiãs da constância e da continuidade do tempo natural e das gerações, expectativas que só serão correspondidas por Zeus, quando o “amontoador de nuvens” consegue derrotar os Titãs e restaurar a ordem cósmica, convertendo-se no senhor soberano dos deuses e dos homens e no deus do mundo organizado por excelência.

V. Cronos: o “tempo beatífico”

Apresentamos no início deste artigo duas formas distintas pelas quais o homem antigo concebia a temporalidade: tempo natural e eterno, tempo humano e finito. Com efeito, discorreremos longamente sobre as características da primeira concepção, relacionada ao tempo natural que a figura da *deusa-mãe* ancestral constantemente protege e que corresponde ao que denominamos como *tempo mítico*. A partir daqui nos debruçaremos sobre a segunda concepção, que diz respeito ao tempo humano e, portanto, histórico. Enquanto a eternidade é experimentada como a sucessão regular de acontecimentos ciclicamente repetidos desde os primórdios do universo, o *tempo histórico* é sentido como uma cadeia de acontecimentos lineares que, uma vez passados, não podem jamais retornar.

Contudo, a temporalidade não é sentida somente como a alteridade entre aquilo que é mutante e o que se mantém estável, imutável. Há entre as duas instâncias um período inicial de indistinção, o qual se configura como o tempo *ab origine*, momento específico em que o mundo criado é plenamente desfrutado, ao qual chamaremos de *tempo beatífico*.

Na tradição judaico-cristã, o *tempo beatífico* corresponde à estadia de Adão e Eva no Jardim do Éden (imediatamente posterior à criação e anterior à expulsão do Paraíso), enquanto na mitologia grega este período é representado pelo mito da Idade de Ouro, época em que Cronos era o governante “do Céu e da Terra”. Devemos ressaltar, portanto, que a mitologia grega tem uma característica de volubilidade que nunca pode ser ignorada. O mesmo Cronos que na *Teogonia* é um governante tirânico e despótico que devora sua descendência, é apresentado por Hesíodo em *Os Trabalhos e os Dias* como o soberano do período áureo e beatífico em que os deuses e homens comungavam os mesmos espaços:

Primeiro de ouro a raça dos homens mortais
criaram os imortais, que mantêm olímpicas moradas.
Eram do tempo de Cronos, quando no céu este reinava;
como deuses viviam, tendo despreocupado coração
(HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*. v. 109-112).

Durante a Idade de Ouro, naquele período intermediário entre o *tempo mítico* das origens e o *tempo histórico* humano, os homens não conheciam nascimento e nem morte. Sua vida transcorria sem preocupação, numa vida feliz sem trabalho e ao lado dos deuses. E após o seu “desaparecimento” da Terra, a raça dos homens da Idade de Ouro seguia para a Ilha dos Bem-Aventurados ou se convertia nos *daímones*, os gênios bons que fazem a intermediação entre o mundo humano e o mundo divino, pelo que recebem as honras dos vivos como *daímones epictônios* (gênios terrestres) benfazejos (BRANDÃO, 1996: 171).

Em algumas tradições, como na religião órfica, a característica benéfica de Cronos é apresentada como posterior a uma reconciliação com o seu filho olímpico, pelo que alguns consideram-na como precessora dos mitos a respeito da Idade de Ouro (GRIMAL, 1999: 105). Porém, se levarmos em consideração os períodos em que Hesíodo escreveu *Os Trabalhos e os Dias*, parece-nos que a obra hesiódica teria precedido em pelo menos um século o período em que o orfismo começou a ser difundido na Grécia, uma vez que a religião órfica “floresceu entre os séculos VI e III a.C.” (GAZZINELLI, 2007: 11). Mas não importa se o mito órfico da reconciliação entre Cronos e Zeus desenvolveu-se antes ou depois do mito das *cinco raças* e da Idade de

Ouro, apresentado por Hesíodo. Pela própria volubilidade que encontramos no mito, o mais interessante a se perceber é que, independente da tradição, acreditou-se que Cronos reinou em tempos de paz e bem-aventurança (GRIMAL, 1999: 241).

É a ascensão de Zeus que põe fim a este período de tranquilidade e abundância. Tomando para si o trono, o “pai dos deuses e dos homens” inaugura uma nova temporalidade. As raças áurea e argêntea, das Idades de Ouro e de Prata, desaparecem sob seu reinado. Sucede-as uma humanidade brônzea e violenta, criada por Zeus a partir dos freixos, árvores fundamentalmente associadas à guerra. A humanidade da Idade de Bronze comete o auto-extermínio por meio das lutas incessantes que travam entre si. Sucedendo-a, nasce a humanidade heróica, que inicia o que denominaremos o *tempo histórico* da mitologia grega.

VI. Os Olímpicos e a “recriação do mundo”

Uma característica impressionante da mitologia grega é o fato dos deuses mais importantes de seu panteão, isto é, os deuses Olímpicos, não serem as mesmas divindades que, em tempo anterior, engendraram o universo ordenado. Os Olímpicos não criaram o mundo, mas o conquistaram a partir do confronto com as gerações de deuses anteriores. Para empreender esta conquista, Zeus precisou arruinar a ordem cósmica criada pelas potências divinas que o antecederam, para depois restabelecê-la novamente (VERNANT, 2000: 35).

Assim como Cronos interrompeu a fecundidade de Uranos, o jovem deus olímpico precisou também interromper a fecundidade do pai que, segundo nos parece, a todos era benéfica, exceto aos próprios filhos, os quais estavam confinados no ventre paterno.

Zeus viu-se obrigado a destruir o mundo ordenado, imergi-lo novamente na indiferenciação do Caos, para mais tarde recriá-lo e devolver-lhe a sua estabilidade primeira. Rompendo com a criação pré-existente, Zeus performa uma recriação ritualística com vistas a conseguir para si a superioridade cósmica. É assim que o mundo se transforma em um universo olímpico, sobre o qual Zeus e sua descendência detêm a primazia.

Já discutimos longamente sobre a influência da cultura pré-helênica em divindades da mitologia clássica, agora é necessário nos determos brevemente sobre um problema que reside no cerne desta tradição mitológica. A religião grega tem dupla origem: é herdeira do culto cretense das deusas-mães

associadas à Terra, mas também apresenta características marcantes da religião dos deuses celestes indo-europeus. Quando aqueus, eólios, jônios e dórios invadiram a Hélade e as Cíclades impuseram às populações egenas autóctones a sua religião patriarcal e atmosférica, ao mesmo tempo em que assimilaram a religião matriarcal e telúrica da cultura pré-helênica.

O confronto nunca superado entre as duas religiões sobreviveu através dos mitos. Os deuses indo-europeus, logo que chegaram à Grécia, precisaram pleitear espaços e domínios com as divindades locais já estabelecidas. Uranos e Gaia representam os deuses mais antigos, que engendraram criaturas monstruosas associadas às forças incontrolláveis da natureza e os Titãs, os “primeiros deuses” (que precisariam ser depostos pelos Olímpicos), estirpe ancestral cujo nome que os designa, etimologicamente, significa “soberanos” (BRANDÃO, 1996: 196). Estes são os Urânidas, representantes das divindades que estavam estabelecidas antes das invasões indo-européias.

Os deuses indo-europeus são representados pelos Crônidas, isto é, os Olímpicos. Relacionados às potências criativas e controladas da natureza, são também deuses mais próximos da psique humana e do ideal grego de civilização. São as divindades do mundo ordenado, civilizado. Mas ao se encontrarem em presença de um espaço já organizado e dominado por outras entidades, os deuses Olímpicos precisam disputar com elas o poder. Para as sociedades antigas, o espaço físico diverge entre o cosmo ordenado e a instabilidade caótica. Para ocupar um território, portanto, é preciso dominá-lo ritualmente através da “recriação” (ELIADE, 2001: 32-34).

É assim que Zeus e os Olímpicos procedem na sua empreitada pelo domínio do mundo organizado. Primeiro precisam destruir o que foi construído pelas entidades que ocupavam esse espaço antes deles, para depois novamente ordená-lo. Compreensivelmente, os deuses “ritualizam” a usurpação de uma autoridade que não lhes pertencia para, então, restituírem a ordem que a guerra interrompeu e poderem se assenhorear do mundo que foi “por eles ordenado”. E dentre todos os elementos que a batalha divina destruiu, também padece o elemento humano: as raças das Idades de Ouro e Prata são extintas, convertem-se nos gênios benéficos que distribuem riqueza aos homens.

VII. Hesíodo e o mito das *cinco raças*

O primeiro indício da conversão do *tempo beatífico* em *tempo histórico* é a mortalidade da terceira raça humana, pois a morte aparece como característica essencial da efemeridade, que é uma das distinções do humano. Criados por

Zeus a partir dos freixos, os homens da Idade do Bronze distinguem-se das duas raças das Idades de Ouro e Prata, basicamente, por duas características específicas: têm temperamento guerreiro e violento, ao contrário do humor pacífico das duas humanidades que os precederam, e sua existência acaba após um prazo muitíssimo curto de anos vividos, ao final dos quais agora experimentam de fato a morte, ao invés do sono letárgico no qual antes as raças áurea e argêntea desapareciam. Não podemos nos esquecer que quando Zeus, após vencer os Titãs, partilhou com os irmãos o domínio do universo, coube a Aidoneu presidir sobre o Hades, reino dos mortos. Portanto, a partir da Idade de Bronze, o destino *post-mortem* da humanidade defunta já não é a transformação em gênio ou a beatitude da Ilha dos Bem-Aventurados. Após morrerem, os homens encaminham-se todos, sem distinção, aos domínios brumosos de Aidoneu.

Após os homens da Idade de Bronze, Zeus cria uma raça de semideuses: os heróis. Estes são mais justos e mais valentes que a humanidade que os precedeu, mas que, contudo, podem orientar-se tanto pela *Dike* (Justiça) quanto pela *Hybris* (Desmedida). Aqueles que obedecem à *sophrosyne*, a Prudência, recebem de Zeus a graça da glória imortal e também o privilégio póstumo de habitarem a Ilha dos Bem-Aventurados. Por sua vez, os heróis que sucumbem à *hybris* são lançados no Hades, juntamente com a raça de bronze, amaldiçoados com o esquecimento ao se tornarem *nónymoi*, mortos anônimos (BRANDÃO, 1996: 176).

Zeus Crônida fez mais justa e mais corajosa,
raça divina de homens heróis e são chamados
semideuses, geração anterior à nossa na terra sem fim.
A estes a guerra má e o grito temível da tribo
a uns, na terra Cadméia, sob Tebas de Sete Portas,
fizeram perecer pelos rebanhos de Édipo combatendo,
e a outros, embarcados para além do grande mar abissal
a Tróia levaram por causa de Helena de belos cabelos,
ali certamente remate de morte os envolveu a todos
(HESÍODO, *Os Trabalhos e os Dias*. v. 158-166).

E após a raça dos heróis levanta-se a última humanidade, decadente e condenada a viver um período em que o bem e o mal se encontram misturados. Hesíodo lamenta-se por viver na Idade de Ferro:

Antes não estivesse eu entre os homens da quinta raça,
mais cedo tivesse morrido ou nascido depois.
Pois agora é a raça de ferro e nunca durante o dia
cessarão de labutar e penar e nem à noite de se
destruir; e árduas angústias os deuses lhes darão
(HESÍODO, *Os Trabalhos e os Dias*. v. 173-177).

VIII. Zeus: o “tempo histórico”

Em *Os Trabalhos e os Dias*, a narrativa mitológica coincide com a realidade histórica do poeta e se encontra com o contexto no qual ele vive. Este fato, por si mesmo, é bastante significativo para indicar que o *tempo histórico* foi inaugurado por Zeus, quando ascendeu ao trono do universo, e se prolongou até os dias de Homero e Hesíodo. Mas precisamos encontrar na mitologia elementos que assegurem a conversão dos acontecimentos mitológicos na realidade histórica da Grécia antiga para demonstrar a coerência daquilo que estamos afirmando. Portanto, apreciaremos alguns agradáveis pormenores mitológicos que demonstram a diferença entre a *esquizogenia* de Cronos, isto é, a suspensão dos processos de geração, e a *autogenia* de Zeus, a reorganização da realidade criada.

Ao castrar Uranos, Cronos tem como aliados os seus irmãos e irmãs titânicos. Como já afirmamos, o termo grego *titán* (τιτάν) tem significado aproximado de “soberano” e estas divindades da primeira geração são as soberanas das forças indomáveis, representam os impulsos desenfreados da natureza. Até aqui, falamos apenas de dois dos doze titãs, Cronos e Rhéa. Apresentaremos brevemente os seus irmãos Oceano, Ceos, Crios, Hipérion, Iápetos, Théia, Thêmis, Mnemosyne, Phebe e Téthys, explicando quais são as suas designações divinas, para compor um quadro geral das forças que auxiliaram Cronos.

O mais velho dos Titãs, Oceano, é o deus do rio-serpente que circunda a Terra, tardiamente identificado com o Oceano Atlântico. De temperamento pacífico, não tomou partido de seus irmãos quando se rebelaram contra Uranos, sob a liderança de Cronos. Depois dele vieram Ceos e Crios, divindades estelares. Os Titãs Hipérion e Théia personificavam o fogo divino/celeste, tendo sido os pais de Hélios (Sol), Selene (Lua) e Éos (Aurora). Iápetos foi pai de Altas, Menécio, Prometeu e Epimeteu, personagens titânicas que desempenharam um papel mais importante no mito que ele próprio.

As Titânides são divindades cujos atributos estão mais desenvolvidos que os dos seus irmãos. Thêmis encarna a Lei Eterna e a Justiça Divina, Phebe a Clarividência. Mnemosyne é a personificação da Memória e Téthys é a deusa marinha cuja residência é um palácio na parte mais ocidental do Oceano, onde todos os dias o Sol se põe (BRANDÃO, 1996: 204). São estes os deuses que auxiliam Cronos e o acompanham na sua ascensão ao trono celeste de Uranos.

Por sua vez, Zeus estava acompanhado dos irmãos que libertou do ventre paterno. Héstia é a deusa que nunca deixa o Olimpo, a virginal personificação do fogo sagrado. Deméter é, como Rhéa, hipóstase de Gaia. É a deusa da terra cultivada, da agricultura, e também a senhora dos Mistérios, anualmente celebrados em Elêusis. Hera recebeu a honra das justas núpcias com Zeus, pelo que preside ao matrimônio. Aidoneu recebe de Zeus o domínio sobre o Hades, o mundo dos mortos. Posêidon é o senhor das águas e mares.

Além dos deuses Olímpicos, Zeus cercou-se de algumas Titânides que não tomaram partido de Cronos durante as guerras entre os Titãs e os Olímpicos. Sua primeira esposa foi Métis, deusa da Astúcia. Após engoli-la, Zeus desposou Thêmis – a Lei Eterna. O deus uniu-se também a Mnemosyne. Do encontro entre a vitalidade fecundadora de Zeus e essas deusas titânicas nasceram outras divindades, as quais são muito importantes para assinalar que a sua interferência transformou a realidade suspensa do governo de Cronos em uma realidade nova e mais dinâmica.

Após engolir Métis, que estava grávida, Zeus deu à luz Athena, que saiu da sua cabeça já adulta e armada, entoando um grito de guerra. Ela é a deusa da Sabedoria, da Paz e também da Guerra Justa, a primeira entre as divindades Olímpicas após o próprio pai. Athena encarna os ideais do mundo organizado, civilizado por excelência. De sua união com Thêmis, nasceram as Moiras (Cloto, Láquesis e Átropos), deusas do destino humano, e também as Horas, deusas da ordem: Eunomia (Disciplina), Dikê (Justiça) e Irene (Paz). Finalmente, Zeus uniu-se a Mnemosyne e gerou as Musas, deusas das Artes e da História.

Quando destruiu e reorganizou o mundo, Zeus tornou-se o senhor da ordem cósmica. Como sua fase compreende a *autogenia*, isto é, a reorganização do que estava criado, Zeus assume o seu caráter fecundador e gera deuses cujos atributos estão ligados aos ideais gregos de ordem, constância e civilidade. Destarte, engendra muitas divindades bem conhecidas dos mitos posteriores. Acima citamos apenas os rebentos de suas uniões com as suas mais importantes consortes titânicas, mas a lista de descendentes do deus atmosférico é muito mais extensa. Segundo algumas versões do mito, Zeus e Dione geraram Aphrodite, a deusa da Beleza responsável pela atração dos opostos. Também concebeu as Cárites (as Graças) com Eurynome, Apolo e Ártemis com Leto. Com Deméter gerou Perséphone e de suas justas núpcias com Hera nasceram Ares, Hefesto, Hebe e Ilítia. Todos estes são deuses Olímpicos, as divindades que doravante dividem com o “pai celestial” o governo do mundo.

IX. Conclusão

Nos mitos gregos existem três tempos distintos: o primeiro é o “tempo dos deuses, a eternidade em que nada acontece”; segue-se a este o tempo linear dos homens; e um terceiro tempo, que é um tempo circular, “uma existência semelhante à da Lua, por exemplo, que nasce, cresce e morre indefinidamente” (VERNANT, 2000: 76-77). Neste artigo intentamos estabelecer a *qualidade* de cada um desses três tempos, à luz da narrativa mitológica.

O mais primitivo dos tempos corresponde aos primórdios do universo, à matéria inerte e indefinida encerrada no Caos. O tempo da Eternidade é, segundo a definição de Vernant, o tempo em que a força vital do universo se encontra adormecida, nada acontece. No momento em que entidades animadas despertam do Caos, inicia-se um segundo tempo.

É o tempo cíclico, que corresponde aos domínios da deusa-mãe e do seu consorte touro celeste, é um tempo astronômico e natural. É o tempo observado pela humanidade tão logo esta adquiriu a consciência do espaço. Ao lançar seus olhos para a paisagem, o homem percebe que o clima e a vegetação obedecem a uma ordem constante de nascimento, morte e ressurgimento. Olhando para o céu, a mesma impressão é revelada pelos movimentos contínuos dos astros que se movem em torno da abóbada celeste. O último tempo é o tempo humano. O tempo irrecuperável durante o qual transcorre a vida de um indivíduo, que tem começo e fim certos, inexoráveis.

Cada deus que se ergue sobre este palco mitológico transforma o seu cenário. Portanto, Uranos se apresenta como a força mais primitiva e caótica no cosmos ordenado, é a potência geradora que não conhece limites e fecunda constantemente a sua existência. Esta *cosmogonia* apresenta-se benéfica em primeiro momento, mas em seguida se mostra “sufocante” e precisa ser interrompida. Eis o *tempo mítico*, o período primordial durante o qual todas as coisas emergiram do Caos inicial. Cronos surge como agente do Destino, cujos desígnios são apresentados pela impreciação de Gaia. O Titã castra Uranos e toma-lhe o trono, impondo a sua própria ordem, que é marcada pelo período da *esquizogonia*. Enquanto Cronos governa, o mundo experimenta um momento de suspensão da criação, razão pela qual existe um *tempo beatífico* que, em sua duração, permite aos deuses e aos homens comungarem a tranquilidade da vida feliz e des preocupada.

O último soberano a reger a temporalidade do universo é Zeus. Ao vencer o pai, liberta os irmãos Olímpicos que encontram-se em estágio de suspensão no interior do ventre paterno. A ascensão de Zeus é causa de consecutivos conflitos que só podem ser vencidos pela força: as duas gerações de deuses combatem entre si e, ao final da refrega, deparam-se com um universo destruído. Somente o poder organizador de Zeus pode restaurar o mundo e a restabelecer a ordem cósmica. Estabelece-se, portanto, o período da *autogenia* de Zeus. A sua característica cretense de divindade fecundante, mas ordenada, assegura que de suas uniões nasçam apenas rebentos que contribuirão com a manutenção da ordem do mundo, pelo que o seu governo assume um aspecto essencialmente civilizador.

As divindades Olímpicas, sob a égide de Zeus, inauguram, por consequência, o *tempo histórico*: abrem as cortinas do palco mitológico para uma miríade de outras narrativas que só têm lugar no mundo a partir do momento em que a sua interferência desencadeia o tempo linear, irreversível, humano.

Fontes

- APOLODORO. *Biblioteca*. Traducción de Margarita Rodríguez de Sepúlveda. Madrid: Gredos, 2001.
- HESIOD. *Homeric Hymns, Epic Cycle, Homeric*. Translated by H. G. Evelyn-White. Loeb Classical Library, vol. 57. London: William Heinemann, 1914.
- HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*. Tradução de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1996.

Bibliografia

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Volume I. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1995.
- DIEL, Paul. *O simbolismo na mitologia grega*. São Paulo: Attar, 1991.
- DOWDEN, Ken. *Os usos da mitologia grega*. Campinas: Papirus, 1994.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- _____. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GAZZINELLI, Gabriela G. *Fragments Órficos*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Lisboa: Difel, 1999.
- GUIRAND, Félix. *Mythologie Générale*. Paris: Larousse, 1935.
- SCARPI, Paolo. *Politeísmos: as Religiões do Mundo Antigo*. São Paulo: Hedra, 2004.
- SISSA, Giulia; DETIENNE, Marcel. *Os deuses gregos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- TERRA, J. E. M. *O deus dos indo-europeus*. São Paulo: Loyola, 2001.
- VERNANT, Jean Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____. *Mito e religião na Grécia Antiga*. Campinas: Papirus, 1992.
- _____. *O universo, os Deuses e os Homens*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.